

## Introdução ao estudo das planimetrias antigas: foto-interpretação nos sítios arqueológicos de Sevelha e Vinha Velha (Montemor-o-Velho).

O assunto aqui abordado, salienta a importância da arqueogeografia e da foto-interpretação como metodologias uníssonas de investigação arqueológica<sup>1</sup> cada vez mais emergentes. É através das capturas por fotografia aérea (vertical /obliqua) e satélite, que se processa a base desta análise.

Pela investigação das formas planimétricas antigas, a arqueogeografia procura alcançar os espaços geográficos desaparecidos. Contudo, adverte que as formas não são testemunhas fidedignas da sua época original, já que o sentido dinâmico da paisagem reflecte a sua transmissão (CHOUQUER, 2007: 41).

A utilização da fotografia em altitude para este fim, remonta aos inícios do sec. XX, como é o exemplo das capturas realizadas por balão na cidade de Óstia (Itália – 1911)<sup>2</sup>. O crescente aperfeiçoamento desta técnica ocorre sobretudo com o despoletar da II Guerra Mundial, onde era premente inteirar as coberturas territoriais em causa<sup>3</sup>. Progressivamente, arqueólogos britânicos, nomeadamente John Bradford com a sua obra *Ancient Landscapes: studies in field archaeology* (1957), estabelece um marco para os estudos desta natureza, onde são identificados novos sítios arqueológicos.

Nesta medida, a foto-interpretação pretende efectuar uma leitura da paisagem, denotando “anomalias”, ou seja, paleoformas<sup>4</sup> que persistem no solo ou coberto vegetal.

---

\* - Marco Penajoia (Arqueólogo; Investigador CHSC-UC; Prémio Prof. Doutor Pedro Cunha e Serra 2012 – Academia Portuguesa da História.)

1- Foi a partir da Nova Arqueologia que os estudos de arqueologia espacial foram renovados. Era agora o tempo “de promover o estudo dos ecofactos” (ALARCÃO, 1996: 14).

2 - SHEPHERD, 2006: 15-38.

3 - Actualmente, dispomos de vários geoportais com excelentes missões aéreas e recursos de análise: Google Earth; Bing Maps; Flash Earth.

4 - Ou formas fósseis. O aparecimento destas formas relaciona-se com as mutações cromáticas (reacções físico-químicas) que a superfície terrestre apresenta. Falamos da simbiose entre estruturas negativas, a humidade e a topografia (DELÉTANG, 1998: 94 *appud* ROBERT, 2003: 297); (COSTA, 2010:35).

Este facto possibilita a indicição de uma interpretação arqueológica com vista à sua confirmação no terreno<sup>5</sup>. Falamos, por exemplo, de “estruturas que estejam soterradas, sejam habitações, recintos de vária ordem, fossas, fossos, parcelários, vias, [paleoleitos], etc. (COSTA, 2010: 35).

Pelo estudo que vamos efectuando no território de Montemor-o-Velho, apercebemos, cada vez mais, da opulência que este detém neste contexto. A recente disponibilização das novas capturas via Google Earth<sup>6</sup>, permitiu-nos identificar/comparar algumas paleoformas que se estabelecem em áreas de interesse arqueológico: Sevelha (Verride) e Vinha Velha (Abrunheira).

No sítio arqueológico romano de Sevelha<sup>7</sup>, podemos observar alinhamentos (possivelmente de uma estrutura habitacional com planta tendencialmente rectangular), que se dispõem da seguinte forma:

- duas linhas paralelas, com orientação NE-SW. A que se estabelece na parte mais ocidental mede sensivelmente 45,4m; a do outro extremo, cerca de 18,8m;
- duas linhas paralelas adossadas às anteriores com valores estimados, de 18,4m (parte Sul) e 13,3m (parte Norte), numa orientação NW-SE. Estas estabelecem um compartimento com uma área aproximada de 258m<sup>2</sup> (cf. fig. 1 e 2).



Fig.1 - Captura aérea de Sevelha. Altura de visualização: 303m; escala: 50m; data da imagem: 20-3-2011; Fonte: GoogleEarth.

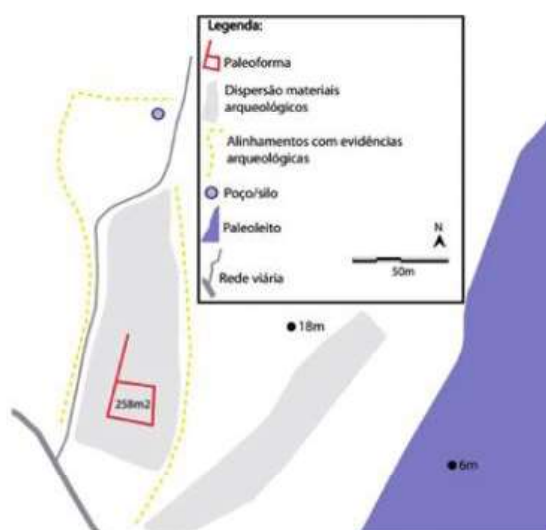


Fig.2 - Análise arqueogeográfica da área de Sevelha

5 - Veja-se o estabelecido nas *Jornadas sobre Teledeteccion y Geofisica Aplicadas a La Arqueologia* (1986).

6 - Capturas de 20-3-2011 e 30-10-2006.

7 - Património arqueológico com o código nacional de sítio (CNS): 32811; (PENAJÓIA, 2012).

De registar ainda, que pelas continuadas batidas de campo, foi possível identificar, a cerca de 100m NE dos alinhamentos, um poço/silo<sup>8</sup> (cf. fig.3). Apresenta um Ø externo de 2,06m e interno de 1,29m, com alvenaria de pedra calcária aparelhada assente em argamassa de terra com cor castanha amarelada (Munsell 10YR 7/6). As fiadas dispõem-se montadas com uma irregularidade horizontal, sendo que as superiores apresentam uma dimensão média de 21,16 x 34,13 cm. Quanto à profundidade, esta exhibe até à fiada relativamente conservada 3,91m.



**Fig.3 – Fotografia do poço/silo de Sevelha. Escala 1m.**

Para a posição de Vinha Velha (cf. fig. 4 e 5), acompanhando a muralha<sup>9</sup>, na encosta SE voltada para a entrada de um paleocanal e para o cabeço de Costa do Barrão, verifica-se uma paleoforma sub-circular. Esta expõe, em valores estimados, um Ø externo de 45,6m e 32,2m interno, sendo que a sua morfologia aparenta uma aproximação aos recintos circulares, usuais desde a Pré<sup>10</sup> e Proto-História. Apesar desta forma acompanhar a plataforma da muralha já em zona de desnível, o seu aparecimento não deixa de ser problemático. Com efeito, estamos diante de uma pendente considerável, que oscila entre os 55, 35 e 2m. A “entrada” que apresenta, apesar de voltada para a muralha, tem uma orientação para NW, ou seja, dada a inclinação e orientação, enfrenta adversidades climatéricas que seriam mais atenuadas se estivesse voltada a S.

---

8 - Similar ao detectado no cabeço de Costa do Barrão, a cerca de 500m NW (PENAJÓIA, 2012).

9 - Património arqueológico com o código nacional de sítio (CNS): 32811.

10 - Veja-se o discutido na mesa redonda Recintos Murados da Pré-História Recente (JORGE ed, 2003).



Junto ao sopé e paleocanal, verificamos, também, uma forma em meio círculo (configuração limite do cabeço), que se expressa num “talude” arbóreo e que penetra na paleoforma sub-circular.

A conjugação das duas capturas via Google Earth, continuou a evidenciar marcas na superfície terrestre, que complementam a planimetria fossilizada: um parcelário com uma orientação dominante SW-NE numa regularidade relativa (observam-se 8 faixas, a mais comprida com cerca 105m [nº6] e a mais curta com 70m, aproximadamente. A largura média estabelece-se em 46,66m). Com outra orientação SE-NW, é possível detectar uma trama com bandas coaxiais paralelas na parte mais ocidental do parcelário (185m de comprimento médio). Estas, apesar de pouco representativas e estarem submergidas pelo coberto vegetal, mostram-nos que podem estar relacionadas com um parcelário condicionado pela orografia do terreno. Também se percepção um caminho que parte transversalmente à Rua Quinta do Outeiro (Presalves) e toma a direcção da muralha. Tem cerca de 295m e parece influenciar a organização do parcelário fósil, aliás, a faixa nº6 toma a direcção da muralha.

Este quadro territorial parece assentar numa escolha estratégica. Acopladas às características naturais de defesa do sítio, existem nas suas cercanias bons indícios para uma subsistência humana: agricultura (parcelários fósseis), áreas de pastagem, lenha, materiais de construção (calcário margoso), caça e pesca, bem como, linhas de comunicação terrestre e fluviais (paleocanal).



Fig. 4 - Captura área de Vinha Velha. Altitude de visualização de 397m; escala: 100m; data da imagem: 20-3-2011; Fonte: GoogleEarth.

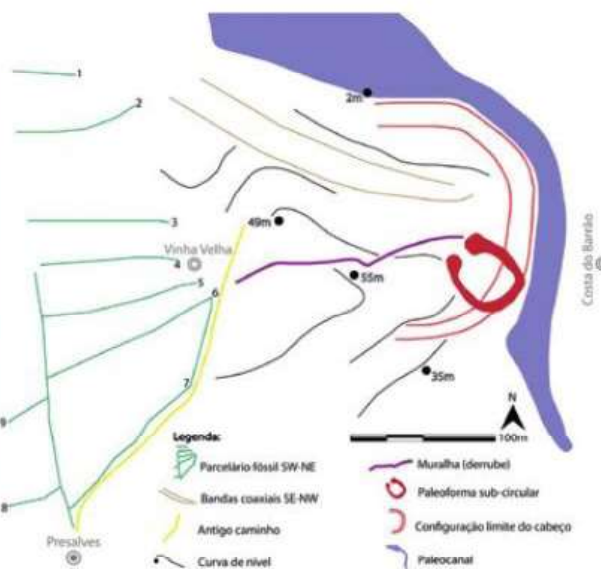


Fig.5 - Análise arqueogeográfica da área de Vinha Velha.

O resultado deste estudo introdutório, permitiu acrescentar a partir da foto-interpretação de imagens aéreas, informações de ordem arqueogeográfica aos sítios de interesse arqueológico de Sevelha (Verride) e Vinha Velha (Presalves).

Não nos cingimos a documentar as paleoformas mais singulares que as novas capturas evidenciam, e tentámos analisar a planimetria envolvente, ou seja, a organização do espaço. Será de especial interesse examinar a regularidade e dimensões que as formas apresentam. Estas podem ser causadas por uma decisão antrópica, pela vida rural ou pelo determinismo do meio-físico. Nesta medida, é importante alargar a escala de observação territorial e estabelecer as devidas comparações.

Como evidenciámos no início deste artigo, a leitura destas formas necessita de ser confirmada no terreno, no entanto, ficam novos indícios para o estudo destes sítios arqueológicos no território de Montemor-o-Velho.

## **Bibliografia**

AA.VV. (1992): *Jornadas sobre Teledetección y Geofísicas Aplicadas a la Arqueología* (Madrid, 7-10 de mayo de 1986. Mérida, 1-3 de octubre de 1987). Ministerio de Cultura. Dirección General de Bellas Artes y Archivos. Instituto de Conservación y Restauración de Bienes Culturales. Madrid;

ALARCÃO, Jorge de (1996): *Para uma conciliação das arqueologias*, Edições Afrontamento, Porto;

BRADFORD, John (1957): *Anciente Landscapes: studies in field archaeology*, Bell, London;

CHOUQUER, Gérard (2007): *Quels scénarios pour l'histoire du paysage? - Orientations de recherche pour l'archéogéographie*, Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, Coimbra – Porto;

COSTA, M. Cipriano (2010): *Redes viárias de Alenquer e suas dinâmicas. Um estudo de arqueogeografia*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, especialidade em Arqueogeografia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra;

PENAJÓIA, Marco (2012): *A questão portuária em torno de Montemor-o-Velho: Estudo de Arqueologia*. Coleção Memória e Identidade, CMMV, Montemor-o-Velho;

ROBERT, Sandrine (2003): *L'analyse morphologique des paysages entre archéologie urbaine et aménagement du territoire – Exemples d'études de formes urbaines et rurales dans le Val-d'Oise*, Tome II. Thèse pour obtenir le grade de Docteur de le Université de Paris, Université Paris;

SHEPPERD, Elizabeth (2006): "Il Rilievo Topofotografico di Ostia dal Pallone (1911)", *Aerea II*, pp.15-38;

JORGE, Susana Oliveira (ed) (2003): *Recintos Murados da Pré-história Recente*, FLUP/CEAUCP.

